

A agressão imperial :

uma visão geopolítica sobre o Oriente Médio

Charles Pennaforte*

Resumo

Este trabalho pretende fazer algumas considerações sobre a influência norte-americana no Oriente Médio. Procuramos destacar as contradições do discurso ideológico dos EUA como defensor da democracia, ao mesmo tempo em que reafirmamos o caráter totalitário de sua hegemonia.

Palavras-Chave: Geopolítica, Oriente Médio, EUA.

Abstract

This paper intends to make remarks about the North-American influence in Middle East. Our aim is showing some contradictions from USA's democratic view and its totalitarianism feature. The Iraq invasion has confirmed this perspective throughout the actions grounded on the unilateralism.

Key words: Geopolitics, Middle East, USA.

* Diretor do Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais (CENEGRI). Página pessoal <http://www.charlespennaforte.pro.br>.
E-mail: charlespennaforte@cenegri.org
Recebido para publicação em 05/01/2005. Aceito para publicação em 20/01/2005.

(...) “Estas liberdades não foram concedidas pelo capitalismo, foram arrancadas e impostas por meio de lutas seculares. São também elas que fazem o regime político atual não uma democracia (não é o povo que detém e exerce o poder), mas uma oligarquia liberal. Regime bastardo, fundado na coexistência entre o poder das camadas dominantes e uma contestação social quase ininterrupta”. (...)

Cornelius Castoriadis¹

(...) "Dès Le 11 Septembre 2002, on pouvait redouter que les terribles attentats de New York et Washington ne fournissent un prétexte idéal a une administration paranoïaque pour relancer, au nom de la "guerre mondiale contre le terrorisme internacional", une sorte de nouvelle guerre froide. Le petite clique de faucons d'extrême droite qui entoure le président, où se mêlent intégristes, ultra-conservateurs et fanatiques pro-israéliens chrétiens et juifs (Richard Cheney, Donald Rumsfeld, Conoleezza Rice, Paul Wolfowitz, Karl Rove Richard Pele, Douglas Feith, J. D. Crouch, John Bolton, etc.), a utilisé avec un cynisme colossal le traumatisme psychologique provoqué par les attentas pour faire avancer l'ensemble des pièces de l'échiquier el lancer une offensive générale contre tout ce qui pourrait retarder l'accès des Etats-Unis à la position premier empire planétaire de l'histoire". (...)

Ignacio Ramonet²

INTRODUÇÃO

A reeleição de George W. Bush referendou e renovou a lógica imperial dos EUA. Com a Doutrina Bush, a dimensão unilateral dos governos norte-americanos perdeu a sua carapaça ideológica ao assumir frontalmente que os interesses da maior potência do mundo não podem e não devem ser contrariados.

Por outro lado, ficamos surpresos com análises “diplomáticas” de vários *experts* que procuram dar uma coloração mais suave ao processo que está ocorrendo em todo o planeta. Logicamente, existem exceções honrosas, porém são “gotas” no oceano.

¹ A Ascensão da Insignificância – As Encruzilhadas do Labirinto IV. São Paulo, Paz e Terra, 2002, p. 117.

² Une guerre préventive? Manière de Voir - Janvier-Fevrier 2003. Paris, Le Monde Diplomatique, p.6.

A crítica necessária e indignada sobre o processo imperialista perdeu força. A própria palavra – Imperialismo – tornou-se “maldita” por vários teóricos que outrora a usavam em suas análises. Utilizar esta palavra reduz a audiência interna e externa. Não convém perder as benesses econômicas geradas através de palestras e intercâmbios acadêmicos.

Segundo o atual momento ideológico, dominar regiões do planeta e impor sua lógica mercantil às custas de milhões de mortes não têm nenhuma ligação com o Imperialismo. Isto é apenas a Democracia proposta pelo capitalismo. Sim, esta é a idéia dos teóricos burgueses.

Acreditamos que a crítica fundamentada na tradição marxista (e não dogmática) ainda é de fundamental importância para entendermos o atual processo do desenvolvimento capitalista. Mesmo que os detratores não tenham sequer lido as obras básicas da "literatura marxista", conseguem, mesmo assim, elucubrar uma série de "críticas" ao escopo teórico. Desenvolvimento, aliás, descrito e analisado por Marx e seus seguidores dentro da Economia Política.

Sendo assim, pretendemos fazer algumas considerações neste pequeno ensaio sobre a ideologia liberal e os efeitos da política externa norte-americana para o Oriente Médio.

SEM A DIMENSÃO IDEOLÓGICA

(...) “O primeiro ponto aqui é o imenso poder de mercado na vida interior do homem moderno: este examina a lista de preços à procura de respostas a questões não apenas econômicas, mas metafísicas – questões sobre o que é mais honorável e até o que é real”.

(...) “Mas esses burgueses alienaram-se da sua própria criatividade, pois não suportam olhar de frente o abismo moral social e psíquico gerado por essa criatividade [capitalismo]”.

Marshall Berman^{3 4}

³ Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo, Cia das Letras, p. 108, 1992.

⁴ Op. Cit., p. 99.

O ponto de partida é lembrarmos que o fim da "máscara democrática" (*soft power*) norte-americana só se tornou possível após o fim da bipolaridade ideológica e econômica.

Com o mundo unipolar ideologicamente e a sua supremacia incontestável no aspecto militar, os EUA perderam a "vergonha" de demonstrar a verdadeira finalidade de sua hegemonia. No atual contexto, esta mesma hegemonia vem sendo colocada em xeque – economicamente, é claro – tanto na própria América Latina como na Europa.

Deste modo, a atual ofensiva ideológica norte-americana de que o mundo está em "perigo" é perfeitamente lógica. Sem o comunismo, é de fundamental importância criar "inimigos" que justifiquem os atos norte-americanos.

O terrorismo e sua "conjugação com o Islamismo" (com uma perspectiva "primitiva") é o discurso ideológico mais viável e palatável para a sociedade ocidental, em especial a norte-americana. Os ataques de 11 de Setembro de 2001 foram importantes para a sustentação da "lógica do terror": combate-se o terror com terror.

A própria reeleição de George W. Bush aconteceu dentro deste contexto: ele seria o candidato mais bem preparado para o combater o terrorismo. Isso se levando em consideração o fiasco da ocupação norte-americana no Iraque e a liberdade de grande parte do núcleo dirigente da Al Qaeda.

A dinâmica montada pelos atuais ocupantes da Casa Branca apresenta grandes nuances de totalitarismo. Logicamente, sabemos que este "neototalitarismo" é mais maleável, camuflado na ideologia da "liberdade" existente dentro da sociedade norte-americana e do próprio capitalismo.

O discurso é tão poderoso que a mentira torna-se uma verdade inquestionável. Acredita-se firmemente que vivemos (Ocidente) em sociedades democráticas. Contudo, não temos acesso às informações fidedignas. Somos bombardeados por notícias falsas e filtradas pelas grandes corporações da informação.

A própria Casa Branca cerceou as informações sobre a invasão ao Iraque com a anuência das redes de televisão. O pretexto? O "patriotismo". A verdade não pode ser contada.

Vale destacar que a existência sublimada de uma "única via" possível - o capitalismo - já demonstra o caráter totalitário do sistema. Para o capitalismo, um outro mundo não é possível.

A mercantilização da vida e a supremacia da mercadoria para as sociedades tornaram-se outro signo marcante do capitalismo. Vale lembrar que Marx já havia visualizado tal fenômeno.

Realmente os EUA representam uma sociedade "aberta", porém com um detalhe: para a reprodução do capital. Aliás, o próprio liberalismo (os seus ideais primitivos) é fundamentado nisso: a reprodução do capital através da "liberdade do indivíduo" para este fim. Não para o questionamento do *status quo*. Muitos inclusive confundem "brechas" ou "falhas" no sistema com "virtudes". Por exemplo, as denúncias sobre as torturas em Abu Ghrabi ocorreram por falhas inerentes ao sistema ideológico do capitalismo.

Se o sistema prega a "liberdade do indivíduo" (principalmente para a reprodução do capital), ideologicamente fica vulnerável ao seu próprio discurso. São tais "brechas" que nos dão a idéia de "liberdade". Quando a liberdade cria problemas, as elites burguesas são obrigadas a recorrer à violência.

Que a democracia norte-americana (e ocidental) apresenta esta finalidade é muito fácil perceber. Isso pode ser visualizado pelo desrespeito aos direitos individuais e pelo cerceamento da liberdade de expressão que ocorre quando o sistema é questionado. Em suma, os velhos golpes militares apoiados pelos norte-americanos em todo o mundo continuam como exemplos importantes.

Este simples questionamento abre caminho para a exposição das mazelas do sistema e a conseqüente possibilidade de fratura. Desta maneira, podemos entender o retrocesso verificado nos direitos civis norte-americanos, na prisão de suspeitos, nas torturas etc., sob o pretexto de "combate ao terrorismo".

O discurso liberal torna-se um sério problema quando a acumulação ganha mais importância e/ou sofre decréscimo. A ideologia não resiste à sanha dos grupos econômicos que procuram aumentar os seus lucros cada vez mais.

O fato é que a política externa norte-americana gerada pela Doutrina Bush é baseada numa perspectiva totalitarista. O "messianismo" fundamentalista dos falcões da Casa Branca é a prova incontestável.

O messianismo da extrema-direita norte-americana é a conjunção de que o cristianismo a serviço do capital gerará mais riqueza. Certamente. Em primeiro lugar para eles e muito depois para a população.

O fato é que o fundamentalismo xiita e o cristão pregado pela Casa Branca não são nem um pouco diferentes, pelo contrário, se completam. Os dois pregam o martírio. Contudo, a Casa Branca não pratica a auto-imolação, prefere que outras pessoas o façam em seu lugar. De preferências jovens entre 18 e 25 anos, cuja noção do que representa a invasão ao Iraque sequer passa em suas consciências. Aliás, o único discurso que conhecem é o oficial.

UMA VISÃO GEOPOLÍTICA

“Vivemos uma era fáustica, destinada a enfrentar Deus ou o Diabo antes que tudo isso se cumpra, e o inevitável minério da autenticidade é a nossa única chave para abrir a porta”.

Norman Mailer⁵

Ao contrário do que tentam afirmar os ideólogos burgueses, a expansão capitalista continua forte e atuante em sua forma clássica: o Imperialismo. Como já assinalamos, tal palavra tornou-se "maldita" por ainda expor a atualidade da análise marxista e leninista. Não cabe aqui discutir tal conceito já que a bibliografia é vasta. Logicamente, sabemos que a dinâmica capitalista se alterou em suas formas originais, mas a sua essência ainda se mantém atual.

Desde que a Revolução Xiita chegou ao poder no Irã em 1979, os EUA pressentiram que os problemas poderiam aumentar na região. Principalmente no aspecto ideológico.

⁵ Citado por Marshal Berman. Op. Cit., p. 37.

O Islamismo em sua variação xiita poderia tornar a região extremamente hostil aos seus interesses. A própria essência da Revolução Iraniana é baseada na repulsa aos "valores ocidentais", aspecto que poderia "contaminar" a região. Mas quais seriam estes valores? A possibilidade de consumo de bens e serviços. Por outro lado, valores como fraternidade, linhagem etc., são obstáculos para a "felicidade" que sentimos no Ocidente.

O fato é que a existência da URSS até o início dos 90 "escondeu" ou "ofuscou" a problemática do islamismo fundamentalista para o Oriente Médio. Tal "problemática" está ligada à perspectiva ocidental. A preocupação era o discurso socialista.

A própria cooptação ideológica de algumas elites muçulmanas (grande parte preocupada em não perder seu poder para os fundamentalistas) na região foi uma grande vitória para a hegemonia norte-americana, principalmente a saudita. Sem esquecermos, é claro, Israel como uma "cabeça-de-ponte" capitalista permanente. Tal cooptação foi importante para manter a influência soviética enfraquecida durante a Guerra Fria, ao mesmo tempo em que a presença de Saddam Hussein conteve a presença xiita iraniana.

A própria parceria Saddam/EUA nos anos 80, foi o símbolo da aliança anti-xiita no Oriente Médio. As barbaridades foram permitidas e encaradas como algo "natural" pelos norte-americanos.

O crescimento econômico norte-americano é um dos principais *leitmotifs* da voracidade ainda maior do Tio Sam sobre o Oriente Médio. Com o consumo em níveis sempre altos, a manutenção de reservas petrolíferas é de fundamental importância para a saúde econômica e política de qualquer governante norte-americano. Segundo Michel Klare⁶,

(...) "a new emphasis on the protection of supplies of vital resources, especially oil and natural gas. Whereas Cold War - era divisions were created and alliances formed along ideological lines, economic competition now drives international relations - and competition over access to these vital economic assets has intensified accordingly. Because an interruption in the supply of natural resources would portend severe economic consequences, the major

⁶ The New Geography of Conflict. Foreign Affairs, May/June 2001, p. 50.

importing countries now consider the protection of this flow a significant national concern. In addition, with global energy consumption rising by an estimated two percent annually, competition for access to large energy reserves will only grow more intense in the years to come". (...)

Desta maneira, a eliminação de governos hostis à presença norte-americana é importante. A beligerância da Casa Branca (*hard power*) deve ser entendida dentro deste contexto. A anexação do Iraque tornou-se de fundamental importância para criar a estabilidade pretendida dentro do circuito do unilateralismo.

Ao mesmo tempo em que o rearranjo das forças políticas dentro do Iraque tornou-se um *imbróglio*, já que a estabilidade terá que ser sempre afiançada por uma força militar, seja nacional iraquiana ou norte-americana, pudemos observar que as eleições realizadas em janeiro de 2005 não correspondem à paz necessariamente.

O fato importante é que enquanto persistir a crise palestina, os grupos fundamentalistas islâmicos terão combustível suficiente para manter as suas atividades, recrutando militantes com facilidade nas áreas palestinas ocupadas.

Após a anexação do Iraque, resta somente um governo que “desafia” a lógica da região: o Irã. Sem dúvida nenhuma, o Irã não é nem um pouco parecido com o Iraque de Saddam Hussein. Certamente, não possui a capacidade militar dos EUA, mas pode provocar um grande estrago na sua imagem bélica e ideológica.

A própria procura iraniana em se proteger de eventuais “ataques preventivos” com a implantação do seu programa nuclear (e conseqüentemente com armas nucleares), demonstra quais seriam as conseqüências de um ataque norte-americano.

O Irã, certamente representa o pólo ideológico de maior peso no Oriente Médio em contraponto à hegemonia do Mercado. A sua Revolução bem-sucedida até o momento e a capacidade de autonomia econômica que mantém dentro da região, anima milhões de xiitas.

A elite iraniana conseguiu sobreviver à investida da dupla Saddam/EUA nos anos 80, com grande capacidade de liderança interna aliada às grandes reservas

petrolíferas que lhe proporcionaram fôlego para resistir até os dias de hoje no controle do país.

A grande virtude dos xiitas iranianos é não terem até o presente momento sucumbido às pressões ocidentais de cooptação. Mais precisamente à “ocidentalização” que é verificada na Jordânia, Kuwait e Arábia Saudita, por exemplo. Resta-nos esperar quais as conseqüências da Doutrina Bush com o seu caráter *hard power* sobre a região e o mundo.

CONCLUSÃO

"Après le 11 de septembre, le monde ne sera plus le même".

Poderíamos afirmar que o mundo realmente mudou após os atentados de 11 de setembro de 2001? A alteração na prática não ocorreu. Na verdade, a principal conseqüência dos fatos, como já analisamos, foi a perda da retórica liberal-democrática.

A visão unilateral da política externa norte-americana é a grande tônica deste início de século. Por outro lado, assistimos a uma pequena "fratura" na chamada Aliança Transatlântica na chamada “Guerra do Iraque”. Originada principalmente pela perda de benesses econômicas, por exemplo, dos franceses.

A invasão ao Iraque demonstrou que o governo norte-americano não tem interesse algum em abrir mão de seu papel ativo (militarmente) no Oriente Médio e no mundo.

O fato é que várias alianças estão sendo construídas (tentando-se pelo menos) com a finalidade de alterar a dinâmica unipolar implantada pelos EUA através da Doutrina Bush.

O Brasil, a China, a Índia e África do Sul constituem-se em exemplos de práticas construtivas nesta direção. Certamente, devemos esperar o "contra-ataque" da Casa Branca para impedir o surgimento de novos pólos econômicos principalmente.

Podemos observar claramente que após a euforia com a queda do bloco soviético, os EUA não conseguiram sobreviver dentro do ambiente de “calma” gerado por este fato. Se a tutela norte-americana contra a Cortina de Ferro aglutinava as nações livres do mundo, qual seria o motivo, agora, para uma nova “aglutinação”?

O terror tornou-se este poderoso aglutinador. Qualquer rebelião ou adversário do governo norte-americano passa a ter “ligações” com terroristas. A palavra é usada indiscriminadamente contra todos. O grande discurso é o da Guerra ao Terror. Mas o que seria o terror? Os atentados praticados por Osama Bin Laden em 2001? Certo. Mas e a atual barbárie praticada pela administração Bush no Iraque? Sem dúvida alguma. Não para alguns.

É a Democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEARDEN, Milton. Afghanistan, Graveyard of Empires. In: Foreign Affairs, November/December 2001, pp.17-30.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo, Cia das Letras, 1992.

CASTORIAIDS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. São Paulo, Paz e Terra, 3ª ed., 1991.

_____. As Encruzilhadas do Labirinto – A Ascensão da Insignificância. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

_____. As Encruzilhadas do Labirinto – Figuras do Pensável. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. Manière de Voir - L'empire contre l'Iraque. Janvier-Fevrier, 2003.

LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe – Estudos da Dialética Marxista. Rio de Janeiro, Editora Elfos, 1989.

MORSE, Edward L. & RICHARD, James. The Battle for Energy Dominance. In: Foreign Affairs, March/April 2002, pp.16-31.

NYE JR, Joseph S. O Paradoxo do Poder Americano. São Paulo, Editora UNESP, 2002.

PENNAFORTE, Charles. A Democracia de Mercado. In: Revista Singularidades. Lisboa, Ano XI, Maio/2004, pp. 42-47.

_____. Fragmentação e Resistência: o Brasil e o Mundo no Século XXI. Rio de Janeiro, E-papers, 2002.

TODD, Emmanuel. Après L'Empire. Paris, Gallimard, 2002.

